



**NOS 30 ANOS D'A JANGADA DE PEDRA:
JOSÉ SARAMAGO E A ATUALIDADE DO DISCURSO DA
"TRANS-IBERICIDADE"***

Burghard Baltrusch**

Universidade de Vigo – Cátedra Internacional José Saramago

burg@vigo.es

RESUMO: No trigésimo aniversário da primeira edição do romance de José Saramago *A Jangada de Pedra* (1986), que coincide com o trigésimo aniversário da adesão de Portugal e Espanha à CEE, é oportuno colocarmos-nos algumas questões sobre o significado do livro naquele momento, recapitulando a sua mensagem política ou ideológica sobre a relação da Península Ibérica com a Europa. Trata-se de demonstrar a atualidade e relevância de muitos aspectos da perspectiva saramaguiana sobre a relação das culturas ibéricas com o resto da Europa, uma visão radicalmente diferente daquela que vigorava na opinião pública de então.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; *A Jangada de Pedra*; Península Ibérica; Europa; euroceticismo; trans-ibericidade.

**IN THE 30 YEARS OF *THE STONE RAFT*: JOSÉ
SARAMAGO AND THE ACTUALITY OF THE
DISCOURSE OF "TRANS - IBERICITY"**

ABSTRACT: Thirty years ago, in the same year when Portugal and Spain accessed the EEC, José Saramago published *The Stone Raft* (1986). For this reason it may seem appropriate to revisit the central political and ideological message of the novel, as far as the relationship of the Iberian Peninsula with Europe is concerned. The paper aims to show how many aspects of Saramago's view on the relation

* Este trabalho desenvolveu-se no contexto do projeto "Poesía contemporánea en el espacio público: intervención, transferencia y performatividad" (POESPUBLIC, FFI2012-33589, 2012-2016, Ministerio de Economía y Competitividad do Governo de Espanha) e do Programa Estratégico UID/ELT/00500/2013 da FCT (Portugal).

** Professor na Universidade de Vigo – Cátedra Internacional José Saramago.

between the Iberian cultures and the rest of Europe, which was radically different from the one that prevailed in the public opinion of that time, are still relevant and up to date.

KEYWORDS: José Saramago; The Stone Raft; Iberian Peninsula; Europe; eurocepticism; transibericity.

Em 1981 a banda de rock portuguesa GNR lançou o *single* “Portugal na CEE”, que, graças a passagens como esta, rapidamente se tornou num sucesso de vendas e numa das canções então mais ouvidas nas rádios portuguesas:

Na rádio, na TV / Nos jornais, quem não lê / Portugal e a CEE /
Quanto mais se fala menos se vê / Eu já estou farto e quero ver À
boleia, pela rua / lá vou eu ao mercado comum / mal lá cheguei, vi o
boss tinha cunhas, / foi o que me valeu / perguntei-lhe “Qual era a tua
ò meu?” / Quero ver Portugal na CEE / E agora, que já lá estamos, /
vamos ter tudo aquilo que desejamos.¹

A entrada de Portugal e Espanha na então Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia, viria a tornar-se efetiva cinco anos depois, a 1 de janeiro de 1986, depois da assinatura dos Tratados de Adesão seis meses antes. Aquela letra, num tom subversivamente irónico e crítico, dizia-nos, e diz-nos, que muitos ansiavam pela adesão de Portugal à CEE porque viam nesse acontecimento político a solução milagrosa para os problemas económicos e financeiros do país. Em 2016, o Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal quis comemorar o Dia da Europa, assinalando os trinta anos da adesão portuguesa, com um espetáculo no Teatro Tivoli, em Lisboa, e convidou os GNR a reencenar esta canção.

A visão de Saramago sobre Portugal, Espanha e a Europa era muitíssimo diferente desta euforia inicial, e por isso é que ele escreveu *A Jangada de Pedra*, romance cuja qualidade literária e força das ideias continuam a seduzir-nos e a interpelar-nos. Convém recapitularmos, trinta anos após a primeira edição em 1986, alguns aspetos do seu euroceticismo e iberismo idiossincráticos. O autor insistia em que a alegoria de uma Península que se desprendia da Europa para situar-se entre a América e a África não correspondia a uma qualquer ideia nostálgica em relação ao passado: “Ora, embalado nestas minhas imaginações, notava eu que nelas não entrava qualquer

¹ <http://blitz.sapo.pt/videos/2016-01-08-Entrada-de-Portugal-na-CEE-foi-ha-30-anos-mas-os-GNR-jacantavam-sobre-isso-ha-35>, último acesso: 31/10/2016.

sentimento de pesar, de tristeza, de aflição mais ou menos pânica [sic], nem sequer, para tudo dizer na inevitável e tópica palavra portuguesa – saudade”.²

Começamos propondo um resumo que nos ajudará na leitura que apresentaremos a seguir. O romance relata um fenómeno extraordinário, o desprendimento da Península Ibérica do continente europeu. Consequentemente, a Península passa a flutuar pelo oceano, o que acarreta uma mudança sociopolítica drástica para as sociedades portuguesa e espanhola, até parar exatamente entre a África e a América. Sem explicação lógica, este fantástico episódio acontece a partir de outros fenómenos estranhos, todos eles relacionados com os protagonistas do romance. Joana Carda, no interior de Portugal, “num gesto que mais foi de criança do que de pessoa adulta”,³ risca o chão com uma vara de negrilho, e, por mais que ela queira desfazer o risco, ele volta a formar-se e quando chega a saber da separação da Península Ibérica, ela sentir-se-á responsável. Em paralelo, Joaquim Sassa, de físico frágil, anda por uma praia do norte de Portugal a atirar pedras ao mar. Incompreensivelmente, uma pedra demasiado grande e pesada saltita inúmeras vezes na superfície do mar até perder-se no longe. Pedro Orce, velho farmacêutico na Espanha, cujo nome lembra o Homem de Orce, que naquele momento era tido como o mais antigo fóssil humanóide na Península Ibérica, é a única pessoa que sente a terra tremer. José Anaiço, professor de português, sem explicação lógica, passa a ser seguido por um bando de estorninhos, que o acompanham constantemente. Maria Guavaira, na costa da Galiza, encontra na sua casa uma meia de lã azul que tenta desfazer, mas sem sucesso, formando-se a partir daí um novelo cada vez maior. E há também o cão Constante, originário da região de Cerbère, na França, onde dizem que passava o temível cão guardião do Hades, Cérbero. A partir do momento em que aparece a primeira fenda, Constante vagueia indeciso entre Espanha e França e decidir-se-á, finalmente, pela Península, para juntar-se ao grupo como fiel companheiro de Pedro Orce, porque ambos sentem a terra estar em movimento contínuo.

Quando nos Pirenéus aparecem fissuras, são chamados geólogos e sismólogos de toda a parte, mas não conseguem dar uma explicação plausível. Uma comissão formada entre os governos dos países envolvidos decide cimentar toda a fenda. O

² SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 97.

³ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 148.

problema só é resolvido temporariamente, porque logo depois os Pirenéus se rompem profundamente e o mar começa a inundar a fenda. A partir daí, a Península Ibérica passa afluvar pelo oceano e o caos instala-se, já que não há uma explicação lógica para o facto nem certeza do futuro. Levantam-se inúmeras questões: E se ela parar? Se embater nos Açores? E se não parasse nunca? O narrador evoca até o mito platónico da Atlântida, origem de tantos outros, como o de Santo Brandão e da busca de uma terra utópica que, em ocasiões, até fora identificada com o Brasil. Todavia, no romance, a relação com os mitos atlânticos é mais bem irónica: “Perdendo a península o pé, ou os pés, será o inevitável mergulho, o afundamento, o sufoco, a asfixia, quem diria, após tantos séculos de vida mesquinha, que estávamos fadados para o destino da Atlântida”.⁴

A Jangada de Pedra retrata também as reações políticas na Europa, com o aparecimento do grafito “Nós também somos ibéricos”,⁵ em mais de quinze línguas diferentes: “Da noite para o dia a Europa apareceu coberta dessas inscrições. Aquilo que ao princípio talvez não tivesse passado de um mero e impotente desabafo de sonhador, foi alastrando até tornar-se grito, protesto, manifestação de rua”.⁶ A proximidade da Península em relação aos Açores aumenta, sendo necessária uma evacuação de todo o litoral português e galego, e o grupo de protagonistas decide viajar pela Espanha adentro, numa viagem que será circular e iniciática, (re)estabelecendo as ligações culturais profundas intrapeninsulares. Com o tempo, a Península vai mudando de direção e já não corre perigo de atingir os Açores. A convivência do grupo complica-se quando Joaquim Sassa e José Anaiço descobrem que as suas companheiras, Joana Carda e Maria Guavaira, tiveram relações sexuais com Pedro Orce, mas acabam por aceitar a situação e a liberdade de decisão das mulheres que os desafiaram “a rever as suas posições sobre a «traição»”.⁷ As duas mulheres ficarão grávidas, como todas as mulheres da Península Ibérica no final do romance. Aos constantes movimentos da jangada de pedra corresponde, assim, um balanceamento social e psicológico interno e, quando já

⁴ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 70.

⁵ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 84.

⁶ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 83.

⁷ SILVA, Maria Corrêa. “José Saramago: o iberismo como utopia”, *Acta Scientiarum*, Maringá, 2002, v. 24, n. 1, p. 69.

não sente mais o tremor da terra, Pedro Orce morre e a história termina com o seu enterro.

Importa, agora, revisitar as intenções do autor, que publica precisamente em 1986, um romance com este conteúdo narrativo. Naquele ano, as ainda jovens democracias portuguesa e espanhola acabavam de tomar uma decisão que as instituições políticas não se cansavam de propagar. Naquela altura, o euroceticismo e o iberismo explícitos d’*A Jangada de Pedra* não agradaram muito a um poder político que teria preferido que o livro passasse despercebido. A popularidade que já rodeava José Saramago impediu que o romance não fosse notado, mas grande parte da crítica recebeu o romance com uma certa estranheza. Na distribuição do prémio de 1987 da Associação Portuguesa de Escritores, Eduardo Lourenço justificou a sua rejeição d’*A Jangada de Pedra*, argumentando que a narrativa não demonstrava uma temática central, e que, por isso, não seria boa ficção. Houve também muitos artigos e entrevistas em jornais portugueses, espanhóis e alemães que, na altura, aproveitaram a publicação do livro para manchetes que variavam entre expressões de preocupação, de surpresa, mas também de louvor pela coragem de um escritor que se atreveu a adotar uma perspetiva eurocética que, até então, tinha estado confinada às margens.

Em meados e finais dos anos 80, desde a direita até ao centro-esquerda, prevalecia a estratégia política de depreciar todo o debate sobre os perigos implicados na decisão de antecipar uma união económica a uma convergência político-cultural. Havia uma ampla maioria, nos principais países europeus, que acreditava que o prolongado período de paz após a II Guerra Mundial se devia exclusivamente ao processo de integração económica. O resto era considerado secundário. Mas a perspetiva do romance mostrou de uma forma muito plástica como o conflito pós-colonial de sistemas também podia transformar-se em conflito cultural na própria metrópole Europa. Num artigo para a revista *Libération*, recentemente reeditado em português, Saramago revelou o ideário que o guiou na escrita do romance:

[...] as hegemonias culturais de hoje resultam, fundamentalmente, de um processo duplo e cumulativo de evidenciação do próprio e de ocultação do alheio que teve a habilidade de impor-se como inelutável, favorecido, quase sempre, pela resignação, quando não pela cumplicidade das próprias vítimas.⁸

⁸ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 103.

As relações de Portugal e Espanha com as suas respectivas ex-colónias eram equilíbrios precários, mas continuavam a ser fundamentais para as respetivas identidades culturais. Ao pensamento iberista de Saramago acrescentou-se cada vez mais, e sobretudo a partir da sua intervenção por ocasião da concessão do Prémio Nobel em 1998, a ideia da culpabilidade de toda a Europa em relação aos países colonizados, um discurso ético ainda de certa forma inovador naquele momento, não só no que diz respeito à imagologia portuguesa, e que não deve ser reduzido à vertente literária. Tenha-se em conta que um discurso crítico com os descobrimentos, embora tenha uma tradição secular se pensarmos, por exemplo, na *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto, continua a ser minoritário na época pós-revolucionária. Textos de divulgação como a antologia *Ministros da Noite* (1995), de Ana Barradas, ou literários, como *Por um Punhado de Terra* (2009), de Pedro Eiras continuam a ser exceções.

Neste sentido, também *A Jangada de Pedra* se posicionou contra a histórica corrente providencialista e apologética na literatura portuguesa e lançou, além disso, uma advertência. Isto é: depois de um afastamento de quatrocentos anos (entre o século XVI e o século XX), o retorno ou, melhor dito, a chegada das culturas peninsulares à Europa aconteceu quando o discurso de uma Europa como casa comum já se encontrava esvaziada de muitos dos seus valores históricos e desprovida de um imaginário atualizado.⁹

Mas centremo-nos, primeiro, nalguns aspetos hermenêuticos do romance. Pela sua conceção alegórica, *A Jangada de Pedra* exemplifica como nenhum outro dos romances saramaguianos os fundamentos técnicos e semânticos da narrativa deste autor. A densa intertextualidade desta obra faz com que uma análise evoque, necessariamente, todos os romances anteriores de Saramago. Incluir o ideário da obra inteira requer, consequentemente, que se mencionem alguns fundamentos e motivos da sua narrativa, o que nos levará um brevíssimo enquadramento do romance dentro da obra do autor. Os romances pós-revolucionários de Saramago começam com o quase-anónimo protagonista H. em *Manual de Pintura e Caligrafia*, publicado em 1977. Era a busca de um Eu artístico, uma tentativa de autodefinição literária num tempo histórico convulso e revolucionário no mais geral dos sentidos. Desde as caminhadas das personagens de três

⁹ BALTRUSCH, Burghard. “A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos no discurso saramaguiano”. “O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia” - *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago* Berlim. Frank & Timme 2014, p. 53-72.

gerações de camponeses alentejanos em *Levantado do Chão* (que saiu no ano de 1980), repetidas depois pelas deambulações de Blimunda e Baltasar no *Memorial do Convento* (de 1982), que chegam a voar em pleno século XVIII na Passarola, até aos passeios pelo labirinto da cidade de Lisboa e através do contexto heteronímico de Fernando Pessoa em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (de 1984), sempre houve um aspeto que sobressaísse nos romances saramaguianos: o movimento da viagem, o ímpeto da mudança.

N’A *Jangada de Pedra*, esta viagem passa a ter uma forma alegórica com a Península Ibérica desprendendo-se como enorme jangada do resto da Europa. A viagem macrocósmica pelo oceano acaba por ser também uma paráfrase crítica do desejo glorioso e imperial d’*Os Lusíadas*. A interpretação que Camões e a mitificação do seu texto fundacional quiseram dar ao passado e ao destino de Portugal ficou aqui ironicamente reestruturada. Mas, além disso, *A Jangada de Pedra* também retrata a viagem do indivíduo no tempo histórico e na própria história, o seu desejo de aproximar-se de outros indivíduos, um desejo que o leva também ao amor e ao desejo. Assim, a viagem terrestre, viagem dentro da viagem, e também viagem microcósmica, representa um humanismo trágico, lembrando o *D. Quixote*, cuja vida, como a do grupo protagonista n’A *Jangada de Pedra*, só adquiriu importância a partir do momento em que começou a caminhar. É a proclamação de uma constante necessidade de atuar, fáustica na sua dimensão trágica e existencialista na sua vertente desenganada.

Depois de 500 anos de presença em três continentes e após a perda das últimas colónias, a entrada de Portugal na CEE tem sido menos um regresso do que uma chegada. O mesmo podia-se dizer da Espanha, embora hoje em dia persistam certas diferenças nas respetivas sociedades no que diz respeito ao seu relacionamento com o passado colonial. A perda de Cuba, a última colónia da coroa espanhola, já aconteceu há mais de um século e foi, em palavras de Ortega y Gasset, “la señal para el comienzo de la dispersión intrapeninsular”.¹⁰ Porém, desde uma perspetiva diacrónica, a dispersão cultural sempre tinha sido uma condição natural no contexto peninsular, já desde os tempos anteriores à ‘reconquista’. O que os processos de descolonização mudaram foi primeiro a perceção e depois, a memória das metanarrativas nacional e imperial, um processo que chega com certo atraso a Portugal, onde as testemunhas da era colonial,

¹⁰ ORTEGA Y GASSET, José. La España invertebrada. **Obras Completas**. Tomo III. Madrid: Revista de Occidente 1966, p. 67.

nomeadamente no caso dos retornados, ainda estão vivos e continuam a cultivar-se os mais variados sentimentos nostálgicos.

Para Portugal, entrar na CEE significava, assim, chegar a uma Europa que sempre se tinha correspondido mais a uma utopia elitista de modernização do que a uma realidade prática ou política. Os respetivos impulsos das gerações de 70 e de Orpheu ou, também, da Presença, tinham-se desenvolvido em âmbitos restritos a pequenas elites, enquanto a política e cultura em geral continuavam a ser dominadas pela ideia passadista do Império e pela preferência isolacionista, teorizada exemplarmente por Salazar: “Este doce país que é Portugal - pequeno na Europa, grande e dilatado nos outros continentes”.¹¹

Em contrapartida, Saramago destaca na *Jangada* inúmeras referências de língua e literatura espanholas¹² oferecendo-nos, assim, a perspetiva de uma interculturalidade ibérica que se distingue de uma Europa desrespeitosa para com as diferenças, a qual é descrita de uma maneira que nos poderá lembrar certas linhas da política comunitária desde os seus inícios até à atualidade:



esses governos, em vez de nos apoiarem, como seria demonstração de elementar humanidade e duma consciência cultural efectivamente europeia, decidiram tornar-nos em bodes expiatórios das suas dificuldades internas, intimando-nos absurdamente a deter a deriva da península [...]. [...] os governos europeus, que no passado nunca verdadeiramente mostraram querer-nos consigo, vêm agora intimidar-nos a fazer o que no fundo não desejam e, ainda por cima, sabem não nos ser possível. Lugar indesmentível de história e de cultura, a Europa, nestes dias conturbados, mostra, afinal, carecer de bom senso.¹³

É também por isso que Saramago insiste na constante necessidade de ação de um sujeito que não pode ser descrito com independência do seu contexto histórico-social e político. O motivo da viagem converte-se, assim, na procura arquetípica do conhecimento, mas também do amor, de um destino individual, de um futuro melhor. Esta utopia só se justifica pela ação histórica do indivíduo e por uma memória crítica do passado. Há em Saramago uma conceção linear e, ao mesmo tempo, simultânea da

¹¹ SALAZAR, António de Oliveira. “O Meu Depoimento.” **Discursos e Notas Políticas** (1943-1950). Vol. IV. Coimbra: Coimbra Editora, 1951, p. 356.

¹² Veja-se PAZOS JUSTO, Carlos (2008). “A Jangada de Pedra de José Saramago: repertório e sistema interliterário ibérico”, **Diacrítica**, Ciências da Literatura, 22/23, 197-209.

¹³ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 87.

História e do Tempo. O símbolo mais insinuante de um futuro que nasce da atuação humana é o facto de no final do romance todas as mulheres férteis da Península estarem grávidas, o que não pode ser desligado de outro acontecimento. Referimo-nos ao reverdecimento da vara de negrilho, que Joana Carda espeta na sepultura de Pedro Orce, cuja morte ocorre justamente quando a jangada se imobiliza no meio do oceano.

O risco de Joana Carda, no início da narrativa, tinha estabelecido uma separação entre o tempo patriarcal e um tempo e espaço novos, regidos agora pelas condições heterogêneas e pela liberdade das mulheres. A meada de Maria Guavaira simboliza o tecer deste novo espaço-tempo não-patriarcal: “O gesto iniciático de Joana Carda ao traçar a linha divisória entre o antes e o depois, entre o lá e o cá, entre a sua identidade como esposa burguesa e a de nómada, aparentemente livre e emancipada”¹⁴ já antecipa a ideia de esperança com a qual terminará a história. Joana Carda também é apresentada como uma mulher “com artes de esgrima metafísica”.¹⁵ A vara de negrilho e o risco de Joana Carda não são só uma apropriação paródica do Falo que deslegitima a antiga lei paternal, mas também a instituição de uma nova realidade operada precisamente pelo fantástico. É por isso que, ao aparecer Joana Carda, os estorninhos de José Anaiço se apaguem finalmente da visão. O risco de Joana Carda acaba por ser também a fenda do desejo, da heterogeneidade e da multiplicidade dos sentidos, ao mesmo tempo que é a reivindicação de uma aceitação da heterogeneidade cultural e da reescrita da história, agora em termos pós-coloniais.

A viagem desdobra-se em espaços, meios e sujeitos ao mesmo tempo míticos e históricos, reais e maravilhosos e o espaço que percorre o grupo contrapõe-se às fracassadas tentativas dos descobrimentos de dois impérios, dos quais, afinal, só sobreviveram os mitos. A apresentação do maravilhoso como verídico é aquela estratégia ideológica, sempre citada pelo narrador multifacetado, de que o autor necessita para justificar-se, não perante a História, mas perante uma história concreta. Finalmente, o maravilhoso também serve para demonstrar como o indivíduo é capaz de elevar-se bem acima do seu aparente condicionamento histórico ou de classe social.

¹⁴ FERREIRA, Ana Paula (2001). “As Mulheres de Saramago na ‘Jangada’ da Significação”, in Paulo de Medeiros & José N. Ornelas (eds.): **Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago**, Utrecht: Portuguese Studies Center 2007, p. 92.

¹⁵ FERREIRA, Ana Paula (2001). “As Mulheres de Saramago na ‘Jangada’ da Significação”, in Paulo de Medeiros & José N. Ornelas (eds.): **Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago**, Utrecht: Portuguese Studies Center 2007, p. 92.

Há aqui uma tentativa muito clara de reescrever a história oficial, ‘canónica’ como também a história positivista. Contra esta conceção ‘reinventa-se’ um passado, presente e futuro, uma vez a realidade ibérica que Saramago apresenta neste romance, é uma realidade emendada. Assim, por exemplo, a invasão dos hotéis vazios no Algarve por uma multidão de pobres é símbolo de um renascimento fictício da revolução dos cravos, mas desta vez de uma revolução que se alastra para toda a sociedade e salta para além das fronteiras, algo que a realidade histórica nunca alcançou de forma completa.

Mas Saramago não pretende corrigir os factos da História. A técnica da substituição visa simplesmente a permutação do que foi pelo que poderia ter sido, propondo-se, assim, subtilmente, uma renovada leitura crítica desta mesma História. Por isso mesmo, o narrador d’*A Jangada* não é e não pode ser um narrador imparcial. É um narrador substituível que dá à leitora e ao leitor a impressão inquietante de assistirem a uma encenação objetiva, relativizadora e, ao mesmo tempo, metanarrativa: as várias vozes narrativas parecem criticar-se mutuamente, mas podem assumir, inesperadamente, a forma de um coro comentador e coletivo à maneira das tragédias gregas. O narrador até pode levar os seus leitores a identificarem-se com ele, e, finalmente, pode ser a voz do próprio autor que inventou todas estas vozes. Esta fusão dos níveis histórico e narrativo retoma a ideia tautológica de que, no fundo, não existe nada fora da História, que toda a literatura é História. Mas também nos lembra que os discursos nacionais, culturais e políticos são intrinsecamente narrativas e que sempre temos a opção de as acompanhar ou distanciar-nos delas.

Isto leva-nos ao aspeto do tempo. Temos aqui, em primeiro lugar, uma aparente uniformidade de realidade e maravilhoso que domina a temporalidade desta narrativa. Não existe, n’*A Jangada de Pedra*, aquela quase diferenciação dos dois âmbitos, como acontece, por exemplo, n’*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, não há paradoxos simbólicos como um Fernando Pessoa morto, mas de certa maneira vivo, e um Ricardo Reis real, mas também fingidor da sua própria existência. N’*A Jangada de Pedra*, intimamente relacionados com as personagens, os acontecimentos maravilhosos são inseparáveis dos seus rumos pessoais e do rumo coletivo dos habitantes da Península e da enorme jangada em si.

As personagens buscam-se entre si, procurando, depois, a razão do seu encontro que é a separação da Península da Europa. Este acontecimento deixa de ter um valor maravilhoso no momento em que o grupo pode verificá-lo com os seus próprios

olhos ao chegar aos Pirenéus. A partir deste momento, a viagem do grupo dentro da viagem da jangada converte-se numa dinâmica iniciática. Assim, a única maneira de distinguir o maravilhoso do real dentro da narrativa é verificar que o maravilhoso se tornou um facto indiscutível. O sem-razão acaba por dar razão à história. O paradoxo desaparece no momento em que o leitor, igual aos protagonistas, o assume como realidade possível dentro da história e, por isso, como parte inseparável desta. Deste modo, o grupo não só aceita o seu fado como também o representa, como se participasse num papel que ele próprio escolhera. A história da jangada de pedra é, portanto, um espaço de tempo que podia ter sido, mas que se perdeu por uma razão qualquer e sem importância, e que as vozes narrativas deste romance reconstituem fabulando. Esta circunstância atinge a própria ideia de uma Europa, cuja validade só se recuperaria com uma nova narrativa e conseguinte reencenação.

Como já tinha acontecido no *Memorial do Convento* e n’*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, romances que justapõem um fingimento histórico à realidade, Saramago cria n’*A Jangada de Pedra* uma simultaneidade dos tempos históricos numa história apresentada como contemporânea. A narrativa confronta a história dos descobrimentos e aquilo que estes continuam a significar na atualidade com a vinculação económico-política à Europa, com os mitos históricos, com os mitos contemporâneos, com a tradição literária e, também, com a restante obra de Saramago escrita até ao momento. O tempo equipara-se, pois, com o próprio discurso, com a fabulação ilimitada que só se estrutura com pontos e vírgulas, e na qual as vozes mudam quase despercebidas. O Tempo é História e vice-versa, e ambos são a viagem do indivíduo num mundo que deseja ser não-antropocêntrico, em que a fábula da narrativa é uma alegoria da criação utópica: criação da terra (que se altera), criação do mundo (ao qual se propõe outra forma), criação, através das mulheres, do ser humano como fator do seu próprio destino e agente transformador de um destino comum, criação da vida pela gravidez das mulheres e criação de um mundo não-patriarcal. Quando Pedro Orce pergunta o que será que tudo move, responde-lhe José Anaíço que com o ser humano, “começa o que não é visível”,¹⁶ o que, depois, cada um por sua vez tenta definir: Deus, Vontade, Inteligência, História. Esta multiplicidade de explicações equivalentes sugere um denominador comum: a viagem, o movimento. O conceito de *movimento*, nas suas

¹⁶ SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 139.

dimensões espaço-temporal e filosófico-literária, é, portanto, o ponto de fusão dos motivos e das metáforas do romance.

Chegamos, finalmente, à questão ibérica, iberista ou da “trans-ibericidade”, como diria Saramago, que coloca o romance. A manifestação do iberismo d’*AJangada de Pedra* faz parte de uma certa tradição autocrítica do intelectualismo português. Dois anos depois da publicação, em resposta às acusações de antieuropeísmo que lhe foram dirigidas, Saramago esclareceu a sua posição nos ensaios “O meu iberismo” (1988) e “Acerca do (meu) Iberismo” (1989). Nestes textos, o autor tentou desvincular o ideário histórico do iberismo português dos seus elementos providencialistas e irrealistas, como também das suas raízes nacionalistas e ráticas, que se materializaram no século XIX na ideia da União Ibérica. Também rejeitou as diferentes tentativas de identificar o destino nacional com uma realidade superior e teleologicamente ordenada.

O contexto do seu posicionamento é uma polémica cultural, proveniente do choque sistémico entre ilustração e escolástica no século XVIII, que se concretiza no século XIX e continua no século XX: por um lado estavam os defensores de uma necessária europeização de um Portugal considerado atrasado ou decadente, começando pela Geração de 70 e continuando com António Sérgio, Raul Proença, etc. Pelo outro, temos os defensores de uma filosofia portuguesa própria, com representantes tão dispares como Pascoaes, Pessoa, Agostinho da Silva, ou Álvaro Ribeiro. Algumas das vertentes providencialistas aproximar-se-iam, mais tarde, do ideário fascista, embora a reflexão filosófica em Portugal nunca tenha distinguido de uma forma muito nítida entre estética e filosofia.¹⁷

Quando Eduardo Lourenço realiza em 1978 uma ampla crítica da autognose portuguesa dirige-se, em primeiro lugar, contra o “irrealismo prodigioso” do imaginário nacional.¹⁸ Lourenço identificou os providencialismos, como os do Sebastianismo ou do Quinto Império, como expressões de uma superioridade derivada de um profundo complexo de inferioridade, produzido pelos traumatismos históricos do ato “incrível” e “sem história”¹⁹ do surgimento de Portugal como estado, do cataclismo de Alcácer

¹⁷ CALAFATE, Pedro (2000). **História do Pensamento Filosófico Português**. Vol. I-V. Lisboa: Caminho.

¹⁸ LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade** - psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote 1988, p. 14 e 17.

¹⁹ LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade** - psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote 1988, p. 8.

Quibir e da descolonização de 1975. Outra explicação daria, também na década de 70, António José Saraiva, que relacionou este desequilíbrio da mentalidade portuguesa com um balanceamento entre a aventura e o complexo de ilhéu, resultado do mito da Cruzada num país geograficamente limitado e do contra-mito da decadência.²⁰ Ainda assim, tanto Saraiva como Lourenço consideram que Portugal sempre tinha sido uma parte da Europa, exceto um afastamento de quatrocentos anos entre o século XVI e o século XX. Mas o reencontro com o continente, depois da sua formalização política em 1986, dar-se-á num momento, no qual esta Europa já não era capaz de oferecer um imaginário comum.²¹ De certa forma, também podíamos acrescentar que a mitificação do 25 de Abril chegou a suavizar uma memória cultural negativa ou de inferioridade, sobrepondo-se aos desequilíbrios referidos.

As análises culturais de Lourenço, Saraiva e Real aproximam-se, em grande parte, do ideário saramaguiano. Em 1993, o autor d'*A Jangada de Pedra* tinha comparado a Europa, num ensaio sobre “A ilusão democrática”, comum “emblemático bifronte humano do possível e do desejável, a realidade e a utopia, máscaras que para ocultar o rosto o repetem, rostos que sempre acabam por imitar a máscara”.²² Para desfazer esta ilusão histórica, Saramago propõe assumirmos um sentimento de culpabilidade europeia em relação às culturas e espaços colonizados. O momento mais pregnante desta tentativa de reorientação do discurso histórico dá-se no seu discurso na cerimónia de entrega do prémio Nobel em 1998, no qual reclamou uma “nova utopia” para a Europa, uma reorientação “para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo” e que esta Europa se assumia, de uma vez por todas “finalmente como ética”.²³

Em termos literários, é n'*A Jangada de Pedra* que se concentra toda esta grande crítica cultural e sistémica, a qual relativiza as advertências de Lourenço e de Saraiva de que seria imprescindível situar a imagologia histórica, presente e futura de Portugal no contexto europeu. Saramago sempre procurou desvincular-se da corrente europeizante do pensamento nacional.²⁴ No seu discurso em Estocolmo admitiu, até,

²⁰ Veja-se REAL, Miguel. **Portugal - ser e representação**. Miraflores: Difel 1998, p. 152.

²¹ REAL, Miguel. **Portugal - ser e representação**. Miraflores: Difel 1998, p. 82.

²² SARAMAGO, José. “La ilusión democrática”, **Revista de Occidente**, 1993, 148, p. 22.

²³ SARAMAGO, José. **Discursos de Estocolmo**. Lisboa: Caminho 1999.

²⁴ SARAMAGO, José. “O (meu) Iberismo”, in **Jornal de Letras, Artes e Ideias** 330, 31.10.1988, p. 32.

que *A Jangada de Pedra* tinha sido o “fruto do ressentimento colectivo português pelos desdêns históricos de Europa”.²⁵ No seu artigo para a revista *Libération*, de 1986, já tinha deixado claro que quis fazer prevalecer uma argumentação ética, que deve ser parte da memória coletiva:

Esse romance - «Le radeau de Pierre» - em que arranco a Península Ibérica à Europa, não seria necessário dizê-lo, é o efeito, talvez último, de um ressentimento histórico. Provavelmente, só um português poderia ter escrito tal livro. Mas o seu autor, este autor, declara que estaria pronto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido de vitalmente necessário durante a sua navegação, se a Europa, reconhecendo-se, de facto, incompleta sem a Península Ibérica, viesse a fazer pública confissão dos erros cometidos, das injustiças e dos desprezos com que durante tantos anos tratou dois povos a quem deve muito mais do que aquilo que tem querido reconhecer.²⁶

Mas a utopia de uma “Europa finalmente como ética”, e livre de complexos de superioridade, não implica que desapareçam os “factos diferenciais”²⁷ que distinguem as culturas ibéricas das outras culturas europeias. Noutra entrevista, também de 1986, Saramago procurou integrar na sua utopia de uma Europa ética o sonho de um destino atlântico das culturas peninsulares:

Neste livro tentei mostrar duas coisas; primeiro: a Península Ibérica tem pouco a ver com a Europa no plano cultural. Dir-me-ão que a língua vem do latim, que o Direito vem do Direito Romano, que as instituições são europeias. Mas o certo é que, com este material comum, fez-se nesta península uma cultura fortemente caracterizada e distinta. Segundo: há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colónias. Então imagino, ou antes, vejo, uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro. Esta não é uma afirmação rácica, que a própria diversidade das raças desmente. Não se trata de nenhum quinto nem sexto nem sétimo império. Trata-se apenas de sonhar – acho que esta palavra serve muito bem – com uma aproximação entre estes dois blocos, e com o modo de o demonstrar. Ponho a Península a vogar para o seu lugar

²⁵ SARAMAGO, José. **Discursos de Estocolmo**. Lisboa: Caminho 1999.

²⁶ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 105.

²⁷ Termo proveniente da linguagem político-jurídica espanhola (“hechos diferenciales”), com o qual se costumam designar as especificidades culturais e históricas de comunidades singulares com vontades coletivas próprias. Deriva-se da Constituição espanhola, que pretendia integrar, mas sem sucesso, os diversos povos do estado espanhol através de uma ideia de identidade coletiva plural. No caso da “Trans-ibericidade” de Saramago, a perspectiva tem de ser ampliada em termos ibéricos gerais, incluindo Portugal, mas também em termos europeus, no sentido de uma “identidade coletiva plural”, igualmente conflituosa.

próprio, que seria no Atlântico, entre a América do Sul e a África Central. Imagine, portanto, que eu sonharia com uma bacia cultural atlântica.²⁸

A jangada ibérica aparece, assim, como alegoria de um renovado iberismo, libertado do seu tradicional caráter providencialista-irrealista, como também das suas raízes nacionalistas e rácicas. Porém, Saramago era consciente do anacronismo da sua proposta ibérica numa Península cada vez mais “invertebrada”: “O iberismo está morto? Sim. Podemos viver sem um iberismo? Não o creio”.²⁹ O seu iberismo tem de ser entendido, antes de mais, como a defesa de um pluralismo e de uma identificação de caráter processual e fluida, acorde com as necessidades de um mundo globalizado: “Pude sair duma visão histórica globalizada para a apreciação dinâmica das diferenças”.³⁰ E é precisamente esta valorização das diferenças nas quais a reivindicação ética se torna concreta e palpável:

De um ponto de vista ético abstracto, a Europa não tem mais culpas no cartório da história que outra qualquer parte do mundo onde, hoje e ontem, por todos os meios, se tenham disputado o poder e a hegemonia. Mas a ética, exercendo-se, como no-lo está dizendo o senso comum, sobre o concreto social, é porventura a menos abstracta de todas as coisas.³¹



www.revistafenix.pro.br

Esta ética como “o concreto social” resulta indissolúvel da ideia de uma Península Ibérica como “constelação socio-histórico-cultural pluriforme” e com “uma cultura fortemente caracterizada e distinta” da europeia.³² Daqui deduziu Saramago a necessidade de uma “harmonização dos interesses” ibéricos e de um “privilegiamento das permutas culturais” dentro das suas relações históricas com as culturas da América Latina e da África.³³ É nestes espaços onde se situa o futuro da pluralidade cultural

²⁸ SARAMAGO, José, e PEDROSA, Inês. “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa” [entrevista]. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, 10.11.1986, p. 24.

²⁹ SARAMAGO, José. “Acerca do (meu) Iberismo”, **Encontros: Revista Hispano Portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales** 1989, 1, p. 31.

³⁰ SARAMAGO, José. “O (meu) Iberismo”, in **Jornal de Letras, Artes e Ideias** 330, 31.10.1988, p. 32.

³¹ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 100.

³² SARAMAGO, José. “O (meu) Iberismo”, in **Jornal de Letras, Artes e Ideias** 330, 31.10.1988, p. 32.

³³ SARAMAGO, José, e PEDROSA, Inês. “A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa” [entrevista]. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, 10.11.1986, p. 24.

ibérica, o qual Saramago circunscreve com a ideia da “trans-ibericidade”.³⁴ Nas traduções dos ensaios para castelhano, o conceito passou a ser reproduzido como “trans-iberismo”, e assim também chegou a aparecer em posteriores textos portugueses.³⁵ Por um lado, esta *trans-ibericidade* continua com o trabalho de memória crítica da expansão colonial, mas, por outro, também reorienta esta memória, ao tentar reatar os laços culturais desde uma perspectiva pós-colonial e visando uma solidariedade transatlântica.

Poderia ver-se aqui o perigo de esta utopia literária ressuscitar certos elementos da histórica promessa messiânica portuguesa de a humanidade ser espiritualmente uma só. Porém, Saramago não só substituiu a unidade simbólica e universalizante do povo português, como ainda a defendia Agostinho da Silva,³⁶ pela permuta cultural entre os povos trans-ibéricos, mas também implica nesta tarefa a toda a Europa lembrando-lhe a sua responsabilidade ética e coletiva.

No ensaio *O Labirinto da Saudade* (1978), Eduardo Lourenço ainda via o complexo de inferioridade nacional português resumido naquela interrogação pessimista do romeiro no *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett: “que ser é o meu, se a pátria a que pertença não está segura de possuir e ter o seu?”.³⁷ Todavia, a partir de *A Jangada de Pedra*, Saramago conseguiu substituir este complexo e pessimismo por uma escatologia mais positiva, transformando-o em trans-ibericidade, em permutação cultural ibérica e trans-atlântica. Assim, a oposição entre estrangeirização e europeização ficou substituída por uma proposta de universalização pós-moderna e crítica, por uma “Europa finalmente como ética”, por uma ampliação plural da identidade cultural. Apesar das habituais resistências, hoje é cada vez mais frequente encontrarmos quem defenda que a identidade portuguesa sempre se tinha alimentado imageticamente do Outro (do mouro, do castelhano, do índio oriental e ocidental, da

³⁴ SARAMAGO, José. “Acerca do (meu) Iberismo”, *Encontros: Revista Hispano Portuguesa de Investigadores en Ciencias Humanas y Sociales* 1989, 1, p. 31.

³⁵ Vejam-se URRUTIA, Jorge. “José Saramago. Notoriedad del iberismo. España descubre Portugal”, *Leer*, 2001, 125, p. 26-30; MOLINA, César Antonio. *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Akal 1990; ESTRADA VARGAS, Graciela (2011). “La noción de «trans-ibericidade» de Saramago. Una reflexión sobre las relaciones de Portugal y Mexico con España”, *Anuario de Letras Modernas*, vol. 16, p. 157-163.

³⁶ SILVA, Agostinho da. “Portugal ou Cinco Idades”, in *Ir à Índia sem Abandonar Portugal*, Lisboa: Assírio & Alvim 1994.

³⁷ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade* - psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote 1988, p. 86.

Europa, etc.).³⁸ Esta é também a perspectiva saramaguiana, cuja proposta imagética de uma “trans-ibericidade” dirige a nossa atenção para o que os estudos pós-coloniais consideram ser o grande problema cultural do Ocidente na atualidade. Assim, o euroceticismo d’A *Jangada de Pedra* também nos fala da necessidade de a Europa estabelecer um diálogo racional e humanitário com culturas que, depois de longos e cruéis processos de colonização, se reinventaram e conseguiram unir ideias de crítica social universal com a defesa daquilo que conservaram das suas identidades e tradições não-modernas. Esta reinvenção pós-colonial também reivindica uma mudança epistemológica dentro da própria Europa que, para a sua própria sobrevivência e necessária reinvenção, precisa de adotar outra perspectiva e tentar ver-se desde fora. Assim, a viagem da jangada faz que “a península se humaniza, singulariza-se ao buscar caminho próprio como quem experiencia a maturidade longe da madre Europa”.³⁹

Tanto no próprio romance, como também nas múltiplas entrevistas que o acompanharam, Saramago incidira na crítica do discurso eurocêntrico: “além dessa espécie de deformação congénita denominada eurocentrismo, aquele outro comportamento aberrante que consiste em ser a Europa, por assim dizer, eurocêntrica em relação a si mesma”.⁴⁰ Em contrapartida, afirma-se uma correlação entre a diversidade cultural peninsular e o facto diferencial de um conjunto ibérico em relação à Europa. Saramago atualiza a ideia de identidade cultural ao conjugar as representações próprias com as representações alheias do próprio. A ideia da trans-ibericidade inclui uma necessária reinvenção dos imaginários culturais depois das imposições coloniais europeias, em paralelo com o pensamento pós-colonial desde a década de 80 do século XX (pensemos em autores e autoras como Edward Saïd, Gayatri Spivak ou Homi K. Bhabha, por exemplo). Mas a *Jangada* também levanta a questão de uma pós-modernidade globalizadora e a desterritorialização cultural que a acompanha, mas que nem por isso deve prescindir de uma orientação ética:

[...] não haverá no futuro próximo uma nova Europa se esta não instituir frontalmente como entidade moral, e também não a haverá se não for abolido, mais do que os egoísmos nacionais, que quantas

³⁸ REAL, Miguel. **Portugal - ser e representação**. Miraflores: Difel 1998, p. 152.

³⁹ AMOTIM, Claudia “Nas fissuras da península e do sujeito: A jangada de pedra, de José Saramago”, **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 111-118, jan./jun. 2011.

⁴⁰ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 101.

vezes não passam de meros reflexos defensivos, o preconceito da prevalência ou da subordinação das culturas.⁴¹

N’A *Jangada de Pedra*, a identificação cultural do pequeno grupo que realiza a viagem dentro da viagem acaba por criar diferentes hibridações e desterritorializações. A permuta trans-ibérica tem a sua suprema alegoria nas relações que a galega Maria Guavaira e a portuguesa Joana Carda mantêm com o andaluz Pedro Orce, que procede do lugar onde se encontraram os restos dos primeiros europeus. Esta permuta, e a gravidez das mulheres que a projeta ao futuro, exemplifica também como a identidade e a cultura se constituem em interdependência com a memória, como a História atua sempre como intermediária. Mas Saramago também nos advertiu que a História é uma intermediária que precisa de ser reavaliada e reescrita constantemente, sobretudo quando se trata de discursos de caráter oficial. Assim, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), pela boca de Fernando Pessoa, Saramago acaba por rejeitar as ideias de redenção e de ordenação teleológica da História, ao evocar a necessidade de “perturbar a ordem, corrigir o destino, [...], Para melhor ou para pior, tanto faz, o que é preciso é impedir que o destino seja destino”.⁴²

Para terminar, regressamos às implicações que a “trans-ibericidade” teria para a relação da Península Ibérica com a Europa. Já em 1982, José Saramago advertia numa entrevista que “nada temos a ver com Europa. As tentativas de nos dissolverem na Comunidade Europeia, em termos culturais e económicos, podem matar para sempre a nossa identidade”. Há muitas entrevistas nas quais Saramago desenvolveu esta postura, embora não tenha sido sempre de forma tão contundente. Porém, a reivindicação dos factos diferenciais que separam as diferentes culturas ibéricas entre si, mas também o conjunto da cultura ibérica da europeia, foi uma constante na obra de Saramago. Ainda hoje, desde a perspectiva de um contexto globalizado, resulta óbvio que a Península Ibérica perderia parte da sua condição histórica se a europeização chegasse a dificultar a sua relação histórica com as culturas da América Latina e da África. Duvidamos que este tenha sido o motivo do atual primeiro-ministro português, António Costa, quando sugeriu, na cimeira da CPLP, precisamente neste ano de 2016, uma “liberdade de

⁴¹ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 102-103.

⁴² SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho 1984, p. 334.

fixação de residência” para as suas cidadãs e cidadãos, com a qual desafiou o Tratado de Schengen. Em todo o caso, seria uma feliz coincidência.

Significa isto que a “trans-ibericidade” proposta por Saramago não perdeu a sua atualidade. Continuamos a ter de debater-nos com a antiga questão de saber se nas culturas peninsulares devia prevalecer uma orientação mais transatlântica ou mais europeia, e não menos com a questão de saber se as culturas ibéricas têm mais a ver entre si do que com o resto da Europa ou qual seria o equilíbrio desejável. Os trinta anos de CEE/UE de Portugal e Espanha nivelaram muitas diferenças em termos económicos e administrativos, mas também em termos culturais. A visibilidade e o conhecimento das culturas ibéricas nas grandes potências europeias, e na UE em geral, têm certamente aumentado nestas décadas. Mas também presenciamos uma crescente desconfiança dos países do Centro-Norte em relação aos países do Sul, acusados de serem demasiado corruptos, dispendiosos e preguiçosos.

Uma recente tentativa do Ministro de Finanças alemão de interferir na política interna portuguesa tem sido disso só um exemplo paradigmático, entre muitos outros. Numa cimeira em Budapeste, Wolfgang Schäuble apresentou o Portugal da Troika como um exemplo do que devem ser as políticas económicas a seguir pelos países da zona euro, ao dizerque “Portugal estava a ser muito bem sucedido até entrar um novo governo, depois das eleições”, que a sua falha tinha sido “declarar que não iria respeitar os compromissos assumidos pelo anterior Governo” e “se seguirem esse caminho, vão assumir um grande risco”, afirmou.⁴³ Já antes, Schäuble tinha advertido do perigo de Portugal ter de pedir um novo resgate, se não acatasse as regras ditadas pela Comissão Europeia. Estas intromissões e imposições de cortes financeiros chocam com o facto de terem sido os 10% mais pobres que perderam 24% do rendimento, entre 2009 e 2013 em Portugal, enquanto o rendimento dos 10% mais ricos só desceu 8%. Também segundo o Eurostat, mais de um quarto da população portuguesa (25,3%, na Espanha 28,2%) está em risco de pobreza e exclusão social, um risco que está a aumentar em todos os países da União Europeia ininterruptamente desde 2008, sobretudo nos países sujeitos a troikas ou a medidas radicais de austeridade, eufemisticamente ditas “ajustamentos estruturais”.

⁴³ <https://www.publico.pt/2016/10/26/economia/noticia/schauble-diz-que-portugal-estava-a-ser-bem-sucedido-ate-entrar-um-novo-governo-1748949>, último acesso: 31/10/2016.

Em 1986, Saramago já intuiu que uma integração económica europeia sem enquadramento cultural, político e ético iria causar muitos desequilíbrios: “o seu pecado ou vício maior, que é a existência de duas Europas, a central e a periférica, mais o consequente lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos”.⁴⁴ O facto de Portugal, especialmente durante os anos da recente crise económica e financeira mundial, ter sido relegado para o papel de fornecedor de mão-de-obra barata ou de destino turístico de baixo custo e massificado, com Lisboa e Porto em clara deriva para a gentrificação e uma descaracterização insustentável, é um exemplo inequívoco desses desequilíbrios. A desconfiança e a soberbia com que o Centro-Norte costuma dirigir-se ao Sul da Europa, não é um fenómeno recente e já estava presente quando Saramago escreveu *A Jangada de Pedra*: “é desta maneira idealizada que os europeus costumam ver-se no espelho de si mesmos, e essa é a servil resposta que a si mesmos invariavelmente vêm dando: «Sou eu o que de mais belo, de mais inteligente e de mais culto a Terra produziu até hoje.»”.⁴⁵

Um dos principais reflexos atuais desta atitude doutoral talvez seja a imposição de uma austeridade que produziu novas vagas de emigração. Porém, a decisão britânica de um “Brexit” também tem sido prejudicial para a ideia de uma Europa como projeto comum, agravado ainda pela falta de uma política clara e inequívoca em relação à crise humanitária dos refugiados. Estas e muitas outras dissonâncias no seio da EU compõem um desolador panorama de desintegração e falta de solidariedade que *A Jangada de Pedra* parece ter previsto com uma ironia amarga:

Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começamos finalmente a saber o que a Europa é, se não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça.⁴⁶

⁴⁴ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 101.

⁴⁵ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 99.

⁴⁶ SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 82.

Longe de poder ser uma Suíça europeia, Portugal debate-se hoje com transformações estereotipadas e superficialmente estetizadas da sua identidade para corresponder, entre outras imposições de um mercado comunitário e simultaneamente globalizado, ao ideal de destino comercial e turístico *low cost*. Um exemplo seria o galo *pop* de Joana Vasconcelos, instalado para o Web Summit (2016) em Lisboa.

Enquanto a Europa se encontrar numa deriva desintegradora, austerocrática, paternalista e sem consenso sobre valores comuns, um livro como *A Jangada de Pedra* continuará a ser tanto uma expressão utópica como uma mensagem política reivindicativa e relevante para as culturas da Península Ibérica. Como também o são as entrevistas e ensaios, com os quais Saramago contextualizou o romance no seu momento:

Para os estados europeus ricos e, segundo a opinião narcísica em que se comprazem, culturalmente superiores, o resto da Europa é algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção da antropologia e da arqueologia.⁴⁷

Em consequência, o romance reclama a necessidade de reinvenção de imaginários depois das imposições coloniais; continua a chamar a atenção para os processos de desterritorialização cultural (tanto de pessoas como de valores e de ideários nos quais se baseavam as identidades); adverte que o tempo das identidades culturais uniformes e fáceis definitivamente desapareceu; e que a Europa como conjunto relevante e convincente continua sem existir. Uma Europa que nem sequer tem sido capaz de manter viva a ideia de uma “Europa das Regiões” ou de proceder a uma “reestruturação de uma identidade na qual a solidariedade é o valor a ser enfatizado e resgatado”.⁴⁸

Mas não é só por isso que a *Jangada* constitui, ainda hoje, uma alegoria convincente de uma pluralidade cultural ibérica como modo de identificação alternativo. Também o é desde o ponto de vista de uma trans-ibericidade antipatriarcal, que surge na clara homenagem que o autor rende a Joana Carda e Maria Guavaira, uma portuguesa, a outra galega, grávidas de pai anónimo:

As mulheres, decididamente, triunfavam. Os seus órgãos genitais, com perdão da crueza anatómica, eram afinal a expressão, simultaneamente

⁴⁷ SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 102.

⁴⁸ SILVA, Maria Corrêa. “José Saramago: o iberismo como utopia”, *Acta Scientiarum Maringá*, 2002, v. 24, n. 1, p. 70.

reduzida e ampliada, da mecânica expulsória do universo, toda essa maquinaria que procede por extracção, esse nada que vai ser tudo, essa ininterrupta passagem do pequeno ao grande, do finito ao infinito. Neste ponto, é bom de ver, os glosadores e hermeneutas perdiam o pé, nem é para admirar, porque de mais nos tem ensinado a experiência quanto são insuficientes as palavras à medida que nos aproximamos da fronteira do inefável, queremos dizer amor e não nos chega a língua, queremos dizer quero e dizemos não posso, queremos pronunciar a palavra final e percebemos que já tínhamos voltado ao princípio.⁴⁹

O narrador d’*A Jangada de Pedra* retira a qualquer teoria semiótica o seu valor mítico e fundacional de paternidade e de autoria. As mulheres da jangada triunfam com sua maternidade marítima sem lei, sem pai nem razão androcêntrica, através da metáfora de uma poesia enquanto mulher. É nesta veia poética que se baseia a utopia das mudanças, da viagem, expressa nestes termos, no final da narração:

[...] nuvens que correm de todos os horizontes e giram sobre as nossas cabeças deslumbradas, sim, deslumbradas, porque há por cima de nós um lume vivo, assim como se o homem, afinal, não tivesse de sair com históricos vagares da animalidade e pudesse ser posto outra vez, inteiro e lúcido, num mundo novamente formado, limpo e de beleza intacta.⁵⁰

Assim, a mulher e o mar talvez sejam os princípios de força que poética e alegoricamente sustentam a utopia da trans-ibericidade. Mar e mulher como símbolos dos processos e das dinâmicas da vida, como lugares da ação e da mudança necessária, sublimam as restrições culturais e linguísticas que atam as culturas ibéricas a uma Europa que, na sua aparência negativa, chega a ser a alegoria do pai cruel e castrador que, qual Cronos, devora os seus filhos. E perante a força simbólica marítima d’*A Jangada de Pedra*, identificar a Europa com “nações-navio”,⁵¹ como o propusera Eduardo Lourenço, resultaria redutor, uma vez que nos encontramos num contexto claramente pós-colonial e, também, pós-nacional.

Permanece, isto sim, o sonho de uma narrativa “Europa” em termos positivos, sempre que esta assuma que

As culturas, é tempo de começar a entendê-lo Europa, e entendida tente ficar de uma vez para sempre, não são melhores nem piores

⁴⁹ SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 165.

⁵⁰ SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 166.

⁵¹ LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

umas que as outras, não são mais ricas nem mais pobres. Pelo destino, valem-se e equivalem-se, e pela diferença, assumida e aprofundada, é que se justificam.⁵²

RECEBIDO EM: 03/11/2016

APROVADO EM: 05/12/2016



www.revistafenix.pro.br

⁵² SARAMAGO, José. “Meditação sobre uma Jangada”. Blimunda. Dezembro 2016, p. 103.